

Produção de documentário científico e as Relações com o Saber

Scientific documentary production and relationship to knowledge

Heron Omar Arraya Cazón
Universidade Federal do Paraná
heroncazon@gmail.com

Resumo

Busca-se compreender a “Relação com o Saber” na produção de documentários científicos, por alunos do Ensino Médio, na disciplina de biologia. Analisa-se aqui o documentário “Anomalias cromossômicas: um olhar sobre a Síndrome de Down” visando à mobilização dos alunos: suas relações particulares com o saber, com a ciência, com o mundo, consigo e com os outros. Para isso faz-se uma aproximação entre os referenciais da Análise de Discurso e a Relação com o Saber, desenvolvida por Charlot. Por meio da imagem de um cubo, uma matriz com os eixos x (interdiscurso), y (intradiscurso) e z (relação com o saber), observa-se tal harmonia no percurso de produção, possibilitando correlacionar memória discursiva, relação com o saber e sentidos produzidos.

Palavra-chave: análise de discurso, autoria, ensino de biologia

Abstract

The purpose of this research is the concept "Relationship to Knowledge" in the production of scientific documentaries made by high school students, in biology discipline. It is analyzed the documentary "Chromosomal abnormalities: a look at the Down Syndrome" aiming the mobilization of students: their particular relationship to knowledge, to science, to the world, to themselves and to others. For this reason, it is made an approach between the references of Discourse Analysis and Relationship to Knowledge, developed by Charlot. Through the image of a cube, an array with the x axis (interdiscourse), y (intradiscourse) and z (relationship to knowledge), it is observed such harmony in the production route, enabling correlate discursive memory, relationship to knowledge and produced senses.

Key words: discourse analysis, authorship, biology teaching

Introdução

Por que o aluno estuda? Por que investir tempo e energia nas atividades escolares? Raciocínio, atenção, planejamento, criatividade, determinação, demandam energia. Por que alguns alunos se empenham em pesquisar, confrontar, problematizar, criar e outros

não? Qual o motivo dessas discrepâncias entre os estudantes? Essas questões feitas por Charlot (2013) remetem ao sentido que o estudante atribui ao estudo. Ou mais precisamente: há sentido em ir à escola? Qual o sentido em dedicar ou recusar os estudos? Há sentido em aprender na escola e em outros ambientes?

As indagações de Charlot me induzem a pensar na posição em que o aluno é colocado no processo pedagógico. Fato que me levou a investigar o conceito “Relação com o Saber” (doravante RS), desenvolvido por Charlot (2000), na produção de documentários científicos por alunos do 3º. ano do Ensino Médio, de uma escola pública do município de Curitiba, na disciplina de biologia. Em linhas gerais, investigo a mobilização do aluno nesta atividade.

Para isso, tomo como referencial teórico a Análise de Discurso (de agora em diante AD) de linha francesa, em que busco compreender, nas produções dos alunos, suas relações com o saber, com a ciência, com o mundo, consigo e com os outros. Pois, para Charlot (2000, p. 64):

Os alunos para quem o saber tem, ao que parece, ‘um sentido e um valor como tal’, são os que conferem um sentido e um valor ao saber-objeto sob uma forma substancializada; o que supõe relações de um tipo particular com o mundo, consigo e com os outros.

Dentre os materiais audiovisuais, selecionei um documentário intitulado “Anomalias cromossômicas: um olhar sobre a Síndrome de Down”, com o objetivo de analisar as relações com o saber que permeiam a produção do documentário, unindo os dispositivos teóricos da AD aos conceitos da RS.

Cenário da pesquisa

A pesquisa de mestrado em questão busca introduzir o aluno em uma linguagem específica, o documentário científico, na perspectiva de que ele possa se aventurar pelos múltiplos recursos inerentes a esta linguagem como: pesquisa, leitura, investigação, entrevista, diálogo, discussão, criação, elaboração, produção, apresentação etc. Nichols (2012, p. 70) explica que:

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum.

A produção do documentário exige do aluno comprometimento, desta forma, posiciono os estudantes como produtores deste material na “função-autor” (ORLANDI, 2012, p.75), aluno-autor. Na função-autor, o aluno está sujeito a seguir regras, ser coerente, original, demonstrar conhecimento. Essas exigências buscam tornar o aluno um sujeito visível, deixando inteligíveis suas intenções, objetivos e argumentos. Enquanto autor, responsável por suas ações, o aluno manifesta uma exterioridade fazendo alusão à interioridade, arquitetando sua identidade autoral (ORLANDI, 2012).

A proposta da produção de documentário se ancora na mobilização. Para isso, a estratégia foi iniciar as atividades em sala de aula conhecendo o desejo do aluno: “O que você quer pesquisar? O que tem mais interesse em saber? O que deseja aprender? ”. Pois, para Charlot (2013, p. 145), “Prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro”.

As etapas de produção do documentário tiveram a seguinte sequência: a) apresentação das características do documentário científico, por meio de imagens e textos, para que todos pudessem se situar no contexto inserido; b) Projeção do documentário “Um Olhar Sobre o Passeio Público”, com participação dos dois autores para um relato sobre a produção e esclarecimento de dúvidas e curiosidades por parte dos alunos; c) organização dos 4 grupos para a escolha dos temas; d) pesquisa e redação do roteiro; e) apresentação dos roteiros com esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos envolvidos; e) visita aos locais de filmagem; f) entrevistas com os pesquisadores da área escolhida por cada grupo; g) finalização do documentário junto ao professor de Artes da escola; h) sessão “pipoca” para apresentação dos documentários e relato das dificuldades, dos acertos, das estratégias e dos pontos marcantes.

Encaminhamentos teórico-metodológicos

Para a AD, estudando a linguagem “se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se” (ORLANDI, 2012, p.15). Por conta disso, analiso os recortes¹ do documentário de um grupo de alunos, intitulado “Anomalias cromossômicas: um olhar sobre a Síndrome de Down” e também as conjunturas² de sua produção.

Foi composta uma matriz de três eixos: eixo do interdiscurso (a memória discursiva); eixo do intradiscurso (os dispositivos teóricos); eixo da relação com o saber. Os dois primeiros são derivados da AD. O interdiscurso representa os dizeres já-ditos e abstraídos em um montante de enunciações que, na sua soma, constituem o dizível. De outra parte, o intradiscurso formula aquilo que é dito naquele instante, naquelas condições (COURTINE, 1984).

Cada eixo representa as coordenadas de um plano cartesiano: x, y e z. Desta forma, *o primeiro eixo da matriz (x) se refere à memória* que faz parte desta produção do discurso. É chamada de memória discursiva – aquilo que fala antes, por si, em outra posição – ou seja, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2012, p. 31).

São esses dizeres que busco compreender, objetos simbólicos produzindo sentidos. Assim, a interpretação se torna uma parte do todo, trabalhando os mecanismos, os limites que fazem parte dos processos de significação. Logo, não existe um “código” de interpretação que procura, no discurso, a verdade enquanto direcionamento e sim há construção de dispositivos teóricos (ORLANDI, 2012).

O segundo eixo da matriz (y) sustenta os dispositivos teóricos encontrados na análise do documentário, sendo eles: (1) polissemia, (2) Não dito, (3) deslocamento, (4) relação de forças, (5) formações imaginárias. A seguir detalho cada dispositivo.

¹ Entendo por “recorte”, um ou mais fragmentos do documentário analisado. O vídeo dá-se início pela primeira imagem, sendo denominada por “fragmento 1”. Conforme o andamento do vídeo, a segunda imagem denomina-se “fragmento 2” e, assim, sucessivamente. Portanto, um recorte pode agrupar mais de um fragmento.

² Entendo por “conjuntura”, a combinação de acontecimentos ou circunstâncias num dado momento. Acompanhei os estudantes durante a trajetória de construção do audiovisual, logo, observei e ouvi os entremeios deste trabalho. Assim, tomo tais momentos particulares, como elemento de minha investigação e os analiso fazendo parte de todo o processo.

Para a AD a incompletude é a condição da linguagem, pois o sujeito, o discurso e os sentidos estão sempre em movimento, nunca estão acabados. Assim, os sujeitos e os sentidos sempre podem ser diferentes. Isso depende substancialmente de como estão inseridos na história (ORLANDI, 2012). Foi justamente nesta perspectiva que percebi e construí uma relação mais íntima unindo a AD e o conceito RS, pois o sujeito pode ser afetado pela língua, despertar (ou não) o desejo, ver sentido (ou não) no trabalho, que remete à sua história de vida, mobilizando-se (ou não) e produzindo (ou reproduzindo). A criação de algo envolve tanto a repetição (paráfrase) quanto o deslizamento, a polissemia (1). Mas também há o não dito (2) indicando que o sentido pode ser outro, resignificando aquilo que foi dito. Pode ocorrer deslocamento (3) quando sujeito e sentido se repetem e se deslocam, na experiência e na história. Já a relação de forças (4) supõe que a posição a partir da qual o sujeito fala, constitui o que ele diz, desta forma, se o sujeito posiciona-se no papel de professor, seu discurso significa de modo diferente do que se falasse no papel de aluno (ORLANDI, 2012, p. 39). Esta, além da relação de sentido e antecipação, repousa no que chamamos de formações imaginárias (5), assim, não são as imagens dos sujeitos e os lugares empíricos que funcionam no discurso, mas sim suas projeções, significando em relação à memória e ao contexto sócio-histórico (ORLANDI, 2012, p. 40).

O terceiro eixo (z), por fim, refere-se à relação com o saber. Reitero que o intuito do trabalho está no âmbito da aprendizagem do aluno ao produzir o documentário, resultando em saberes. Busco, portanto, compreender os momentos em que o sujeito se aproxima da RS. Para tal finalidade, utilizo as três categorias da RS: relação epistêmica, relação pessoal e relação social. Para isso tomo as definições de Arruda (2011, p. 145):

- a. A relação epistêmica com o saber: diz respeito à relação com o saber enquanto um objeto do mundo a ser apropriado e compreendido; um saber dotado de objetividade, consistência e estrutura independentes; um saber “existente em si mesmo”, “depositado em objetos, locais e pessoas” e imerso em um “universo de saberes distinto do mundo da ação, das percepções e das emoções” (CHARLOT, 2000, p. 69).
- b. A relação pessoal com o saber: diz respeito à “relação de identidade com o saber”; o saber enquanto objeto que faz sentido, que é parte da história pessoal do sujeito, de sua vida e de suas expectativas (CHARLOT, 2000, p. 72); é o saber enquanto objeto de desejo, de interesse; o saber que o sujeito “gosta” e que o faz mobilizar-se à sua procura.
- c. A relação social com o saber: diz respeito ao fato que o sujeito nasce inscrito em um espaço social, ocupando uma posição social objetiva, que lhe definem o contexto inicial em que ele vai se relacionar com o saber; nesse meio o saber.

Para uma visualização da análise do documentário com esses conceitos, construí um cubo com legendas que apresentam as estratificações de cada eixo. (Figura 1)

Gestos de análise

Minha inspiração para entrecruzar conceitos de áreas distintas (AD e RS), surgiu com a leitura da metáfora francesa datada da metade do século XVII “*Ne pas y aller par quatre chemins*”, ou seja, “não se pode ir por quatro caminhos” quando se vai direto ao ponto essencial. Então me pergunto “qual seria a trajetória mais aconselhável para chegar ao primordial, uma vez que o ponto que desejo mostrar, se posicionaria sob seus olhos, como um discurso sem retorno?” Procuro entrecruzar os três eixos evocados “o

do acontecimento (x), o da estrutura (y) e o da tensão entre descrição e interpretação (z) no interior da análise do discurso” (PÊCHEUX, 2012, p. 18).

Na imagem do cubo há os posicionamentos de cada análise, representadas por um número, iniciando por “1”. O mesmo número aparecerá em duas ou três faces diferentes, pois compreende a intersecção formada. É como se o número fosse ao interior do cubo até a intersecção, confluência explicada no último parágrafo do primeiro caso. Em alguns casos será informado o número do fragmento³ analisado do vídeo, em outros não, pois a RS faz parte do contexto e não de um momento específico.

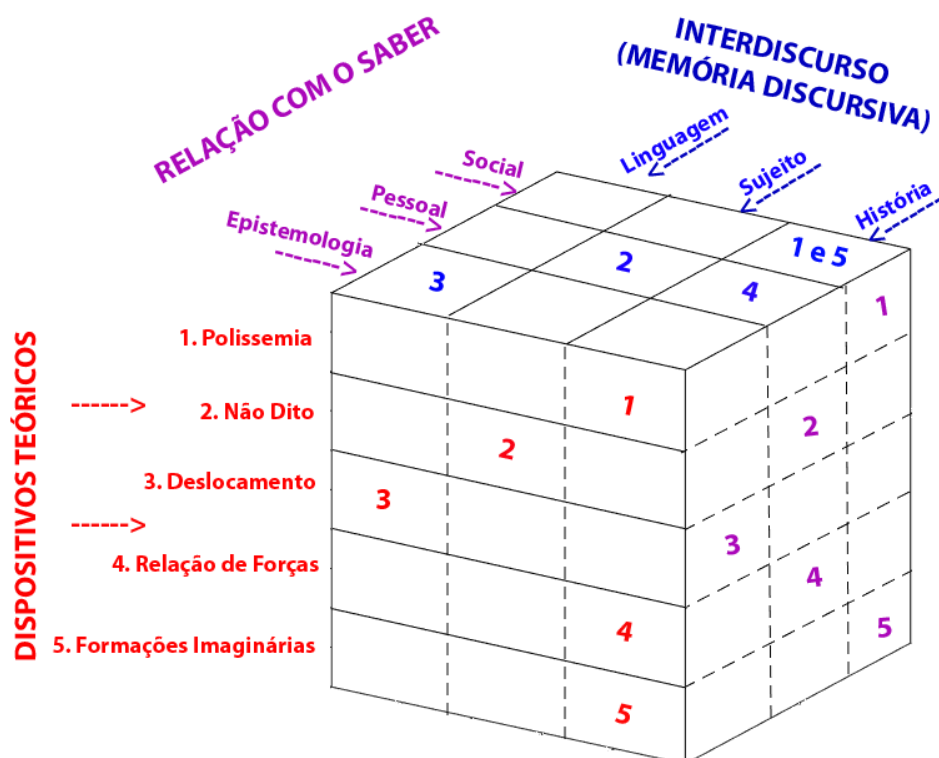


Figura 1. Representação dos eixos: dispositivos teóricos, interdiscurso e relação com o saber. Fonte: Autor. (2015)

1. Polisssemia - História - Social

Recorte: Fragmento 31 ao 37 – Em um momento do documentário, o autor (aluno) pergunta a homens e mulheres de faixas etárias diferentes: “Se você soubesse que estaria esperando um filho com algum tipo de síndrome, como seria sua reação? ” Inserindo na sequência depoimentos de pessoas expressando posições sobre a síndrome. Observa-se que o autor, ao selecionar a pergunta, está em busca de avaliar o julgamento das pessoas que não têm vivência com um indivíduo portador da síndrome. Anteriormente, ele vinha de uma relação com o saber de nível epistêmico (conceitos sobre genética) e passa para uma questão de valores sociais (preconceito), com o intuito de desconstruir a declaração de um participante que, afirma abortar a criança, caso soubesse, antecipadamente que seu filho seria um indivíduo portador de síndrome. O

³ Entendo por fragmento cada nova imagem que aparece desde o início do documentário, portanto, a primeira imagem é enumerada como sendo “fragmento 1” e, assim, sucessivamente.

momento de polissemia dá-se aqui, pois o autor, ao se deparar com o depoimento busca de modo criativo mostrar que não há necessidade de recorrer ao aborto. É, então, na parte final do documentário que, o autor tenta construir argumentos fundamentados através da experiência de vida de uma mãe, que tem um filho com Síndrome de Down.

Para a AD “os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história” (ORLANDI, 2012, p. 37). É por isso que aproximo os dois conceitos, pois há uma relação indissociável entre sujeito, língua e história que, para a RS, um saber só tem sentido quanto às relações que supõe e produz com o mundo, consigo, com os outros.

Para iniciar a visualização do cubo, sugiro que comecemos pelos dispositivos teóricos, neste caso, é o da polissemia. Com a ajuda de um lápis, localize o número 1 na linha (horizontal) da Polissemia. Perceba que cada linha dos dispositivos tem três colunas, neste caso, é o da coluna História (outro número 1). E, olhando para as outras 3 seções da RS, encontra-se no Social (outro número 1). Agora imagine cada número 1 sendo um ponto e, cada ponto, lança uma reta para o interior do cubo. Este ponto de intersecção é onde está o encontro (aproximação) entre os dois conceitos.

2. Não-dito - Sujeito - Pessoal

Recorte: Fragmento 40 - Como pesquisador, no convívio semanal com o grupo, soube da experiência de vida de um dos integrantes, que declarou já ter passado por um momento frágil de saúde. Este aluno teve um tipo de câncer na infância, necessitando de tratamento até a pré-adolescência, se curou, porém lida, ainda hoje, com outras fragilidades decorrentes do tratamento.

Possivelmente, esse apelo pela conscientização sobre a Síndrome de Down pode ter raízes em sua vivência, o que o mobilizou a esclarecer que devemos repensar sobre os nossos preconceitos, pois todos estão sujeitos a passar por tal experiência. Há uma parte no final do documentário, que o aluno apresenta uma imagem de um bebê sorrindo, com características físicas de Síndrome de Down. Na imagem está escrito “21 de março – Dia Internacional da Síndrome de Down”, dando o sentido de apelo à causa.

Em nenhum momento foi falado, anunciado, narrado algo que fizesse menção à conscientização. Entendo que a imagem exposta está na forma do não-dito, pois fica subentendido que o autor tem a pretensão de conscientizar. Além de que se pode inferir que, sua escolha por pesquisar as anomalias cromossômicas e algumas síndromes, também pode ter suas raízes nas fragilidades pessoais vividas.

O quadro de assuntos apresentado aos alunos, contendo os temas passíveis de escolha, abrangia: a história de Mendel na genética, os tipos sanguíneos, a história de Darwin e a evolução, paleontologia, leis da genética, entre outros. Encaro essa condição como relacionada a ele mesmo, sua condição pessoal o mobilizou, uma vez que há o encontro de uma experiência vivida com a questão do preconceito exposto por um dos entrevistados.

3. Deslocamento - Linguagem - Epistemologia

Conjuntura - Durante as semanas destinadas à produção do roteiro, expliquei que havia uma gama de recursos que poderiam ser utilizados para pesquisa: os livros didáticos, as revistas (levei dez exemplares sobre os temas escolhidos), os sites de busca na internet etc. Este aluno, em especial, face à sua mobilização, curiosidade e interesse pelo tema me solicitou um material de nível mais técnico. Encaminhei a ele alguns artigos científicos que discutiam síndromes em animais. Seu desejo por aprender se mostrava

recorrente, percebi que nos exercícios em sala de aula, apresentava certo domínio na escrita sobre o tema. Desta forma, é perceptível a mobilização deste aluno.

Observo neste caso um momento de deslocamento, ou seja, anseio epistemológico. O fato de buscar informações em um material utilizado no ensino superior, aponta que, nesta pesquisa houve transformação nas condições de produção. O aluno não se acomodou à reprodução das informações que haviam nas fontes indicadas, sobretudo necessitou de mais elementos para se fundamentar, indo além de seu nível escolar.

4. Relação de forças - História - Pessoal

Conjuntura - Para cada grupo agendei com pesquisadores do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná um momento para que houvesse primeiramente uma conversa entre alunos e pesquisadores (reforçando a ideia de aproximação entre escola-universidade), e na sequência a gravação das explicações fornecidas pelos pesquisadores. Ao acompanhá-los até a universidade foi perceptível a ansiedade, o medo, a insegurança que alguns alunos apresentavam, pois fariam uma entrevista com um pesquisador (cientista).

É possível inferir algumas possibilidades para o comportamento inseguro dos alunos. Primeiro, que todo o contexto, a conversa, o levantamento de dúvidas, a entrevista, a gravação, o próprio local (a universidade) eram uma novidade. Segundo, que a imagem de “cientista” presente no histórico-imaginário deles provavelmente se assemelha à caricatura de um “louco”, ou um “gênio”, ou um ser não comum. No entanto, os alunos, em geral, surpreenderam as próprias expectativas temerosas. Os alunos que se posicionaram como entrevistadores, foram firmes, concentrados no ato, rompendo a barreira da exposição, do medo e da insegurança.

Interpreto este caso como sendo de relação de forças, “pois o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2012, p. 39). Assim, o aluno assumiu o lugar de entrevistador e colocou o cientista no lugar de entrevistado. Em casos específicos, de acordo com algumas conversas com alunos, muitos se interessavam pelos estudos da área de ciências, como a enfermagem, a biologia e a química, daí, suponho que a mobilização em se encorajar para entrevistar um pesquisador remete às vontades pessoais.

5. Formações imaginárias - História - Social

Conjuntura - Os alunos aceitaram a proposta de fazer a entrevista, porém sabiam que fariam a entrevista com um cientista, nesta condição, os alunos projetaram uma imagem (empírica) do cientista anteriormente à entrevista e, no ato da entrevista, se condicionaram a usar a norma culta da linguagem, a se comportarem de modo que transparecesse uma boa condução discursiva. “O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória” (ORLANDI, 2012, p. 40). Destaco, nesse caso, a formação imaginária, ou seja, a projeção feita pelos alunos da imagem idealizada do cientista.

Considerações finais

“A Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente” (ORLANDI, 2012, p. 17). A proposta desta investigação buscou, por meio de uma atividade nova para muitos alunos, priorizar o conceito de mobilização. Desta forma, adotei como estratégia inicial para a construção dos audiovisuais, perguntas que permitissem ao aluno escolher o que, de fato, lhe despertaria prazer em pesquisar.

O motivo por ter escolhido a produção do recurso audiovisual como ferramenta para a investigação, pode parecer uma imposição ao aluno, mas vejo outros sentidos relevantes para essa questão. Primeiramente, encaro esta linguagem como um desafio para os alunos, pois muitos nunca haviam elaborado algo parecido, assim acredito que a dificuldade de execução e a finalização do todo exigiriam empenho dos estudantes. De fato, se dedicar suficientemente seria uma condição obrigatória e assim, conseqüentemente, um modo de compreender os sinais de mobilização.

O cerne da investigação não está especificamente no documentário em si, mas ancorado no objetivo deste trabalho, o de compreender como se dá a relação com o saber. Para tal compreensão, interpreto como essencial a presença da linguagem, que é opaca e constituída de materialidade simbólica própria e significativa, me permitindo analisar os sentidos produzidos.

Diante de todo o percurso, avalio que somente pude aproximar os dois conceitos, um que interpreta a estrutura (AD) e, o outro, o sujeito (RS), sabendo onde se encontram seus limites. Não há aqui, portanto, uma mescla e sim uma aproximação na qual se pode permear os sentidos produzidos, se deparando com subjetividades (estado gasoso), as entrelinhas, transformando-as em ideias concretas, providas de opacidade (estado sólido), assim, permitindo observar o processo de “sublimação”, ou seja, as suposições levantadas da análise, fundamentadas na “auscultação” do sujeito, no convívio diário. E sempre considerando que “Um saber só tem sentido e valor por referência às relações que supõe e produz com o mundo, consigo, com os outros” (CHARLOT, 2000, p. 64).

Apoio: Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro.

Referências

- ANOMALIAS cromossômicas: um olhar sobre a Síndrome de Down. Direção de Heron Omar Arraya Cazón. Produção de Rafael Willian da Cunha Zedelinski; Camila Lopes de Souza; Mariely Sabrina Quadros de Oliveira; Rosimeire Rodrigues Silva; Talissa Alexandra Lopes de Melo. Roteiro: Rafael Willian da Cunha Zedelinski. Curitiba, 2014. (17 min.), CD, son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFiyj_jQzDk>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- ARRUDA Sergio de Mello; LIMA João Paulo Camargo de; PASSOS Marinez Meneghello. Um novo instrumento para a análise da ação do professor em sala de aula. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.139-160, out. 2010. Disponível em: <<http://revistas.if.usp.br/rbpec/article/viewFile/265/243>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013. 288 p. Coleção docência em formação: saberes pedagógicos.
- COURTINE, Jean Jacques. **Définitions d'Orientation Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours**. 2. ed. Paris: In Philosophiques, 1984.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 6. Edição. Campinas/SP: Pontes, 2012.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. 270 p. Tradução de: Mônica Saddy Martins.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. edição. Campinas: Pontes, 2012.